

TRANSITIVIDADE VERBAL: UMA ANÁLISE FUNCIONAL DO VERBO ACHAR NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

VERBAL TRANSITIVITY: A FUNCTIONAL ANALYSIS OF THE VERB ACHAR IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Telma Patricia Nunes Chagas Almeida¹
Francisco Clébio de Figueiredo²
Rosângela Maria Bessa Vidal³

RESUMO: O objetivo deste artigo é analisar o uso do verbo *achar* e seu grau de transitividade nas modalidades orais e escritas, isto é, os tipos textuais (narrativas, descrições e relatos) dos informantes do Ensino Superior e da Alfabetização contidas no banco de dados no *corpus* Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal. A pesquisa busca identificar o processo de transitividade do respectivo verbo a partir de um contexto comunicativo, aos quais devem ser consideradas as noções de evento referencial e evento de fala no momento da interação, de modo a configurar os mecanismos e parâmetros da transitividade do verbo. Do ponto de vista metodológico, nos inspiramos em uma investigação de caráter qualiquantitativo, uma vez que as análises de seus dados voltam-se para a discussão dos fatos pesquisados dentro de variáveis qualitativas e bibliográficas, bem como, dados quantificáveis relacionados à frequência do uso do verbo *achar*. Como resultado, indicamos que quando considera-se o contexto, conforme a visão funcional, outros verbos aparecem no entorno comunicativo para completar o sentido semântico, assim como evidenciar os aspectos pragmáticos que direciona a compreensão do propósito e evento da comunicação, resultando em um maior índice de aplicação da transitividade conforme os parâmetros de Hopper e Thompson (1980).

Palavras-chave: *Achar*. Transitividade verbal. Gramática. Linguística Funcional.

ABSTRACT: The objective of this article is to analyze the use of the verb *achar* and its degree of transitivity in the oral and written modalities, that is, the textual types (narratives, descriptions and reports) of the informants of Higher Education and Literacy contained in the database in the corpus Speech & Grammar: the spoken and written language in the city of Natal. The research seeks to identify the transitivity process of the respective verb from a communicative context, to which the notions of referential event and speech event at the moment of interaction must be considered, in order to configure the mechanisms and parameters of the transitivity of the verb. From a methodological point of view, we were inspired by an investigation of a qualitative and quantitative nature, since the analyzes of its data focus on the discussion of the facts researched within qualitative and bibliographic variables, as well as quantifiable data related to the frequency of use of the verb *achar*. As a result, we indicate that when the context is considered, according to the functional view, other verbs appear in the communicative environment to complete the semantic sense, as well as highlight the pragmatic aspects that direct the understanding of the purpose and event of communication, resulting in a greater Transitivity application index according to the parameters of Hopper and Thompson (1980).

Keywords: *Achar*. Verbal transitivity. Grammar. Functional Linguistics.

¹ Doutoranda em Letras (PPGL/UERN). Mestra em Letras (PPGL/UERN). Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Funcionalistas (GPEF). E-mail: telmauern@gmail.com.

² Doutorando em Letras (PPGL/UERN). Mestre em Letras (PPGL/UERN). Professor da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, UERN. E-mail: clebiolima99@hotmail.com.

³ Doutora em Estudos da Linguagem, com área de concentração em Linguística Aplicada, no Programa de Pós-Graduação da UFRN (2009). Professora adjunta IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: rosangelavidal@uern.br

INTRODUÇÃO

Baseado nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU e, de modo particular, sob o viés da transitividade verbal, este trabalho busca analisar o uso do verbo *achar* nas narrativas de experiência pessoal (nas modalidades orais e escritas) contidas no *corpus* Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na cidade do Natal.

De modo, a identificar o processo de transitividade do respectivo verbo a partir do um contexto comunicativo, aos quais devem ser consideradas as noções de evento referencial e evento de fala no momento da interação, de modo a configurar os mecanismos e parâmetros da transitividade do verbo.

Nesse sentido, a língua(gem) que antes era concebida como algo restrito e limitado, analisada somente por seus aspectos linguísticos estruturais e sistemáticos passa a receber um novo foco e direcionamento, isto é, passou a considerar a relação de linguagem e contexto social.

Surgindo uma nova proposta gramatical, cuja base tem-se o texto e o discurso, como unidades do processo de análises e discussão dos recursos da língua. Nesse sentido, considera-se “a língua como instrumento de uma prática social, sendo as expressões linguísticas analisadas em circunstâncias efetivas de interação verbal”. (PEZATTI, 2007 p. 179).

Com isso, a pesquisa sobre a transitividade verbal em um viés funcional torna-se relevante, uma vez que a situação comunicativa passa a motivar a estrutura gramatical e, nessa visão, o conhecimento do sistema da linguagem não é suficiente para entender certas situações linguísticas utilizadas em situações concretas de uso (fala).

O objetivo deste trabalho, convida-nos a uma reflexão produtiva acerca dos estudos da linguagem, posto que, ao expressar-se numa língua, não utiliza-se apenas o processo de estruturação das palavras, todavia, é imprescindível que se consiga combinar unidades sintáticas em situações comunicativas eficientes e, para tanto, é preciso conhecer não somente as regras sintáticas, morfológicas, fonológicas, como também as regras semântico-pragmáticas, dando conta de todo o entorno comunicativo.

Em termos metodológicos, adotamos uma investigação de caráter qualiquantitativo, uma vez que as análises de seus dados voltam-se para a discussão dos fatos pesquisados dentro de variáveis qualitativas e bibliográficas, bem como, dados quantificáveis relacionados à frequência do uso do verbo *achar*.

Os pressupostos teóricos adotados para esse estudo são da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU e a transitividade verbal. Na visão da LFCU, a língua é apreendida como um sistema funcional, em que se passa a considerar o uso da língua voltado para uma determinada finalidade.

Ou seja, a intenção do locutor ao fazer uso da língua passa a ser fundamental para compreensão da sua natureza, bem como a determinação dos fundamentos teóricos básicos da corrente e as análises, as quais consideram aspectos pragmáticos e discursivos.

Fatores que diretamente ou não, estão influenciando os usuários da língua portuguesa, falantes/escreventes no momento da comunicação e uso do verbo, o que nos conduz a importância de destacar essa teoria nesse estudo. Na sequência, apresentamos as

discussões teóricas para a elaboração desse estudo, as análises e as (in)conclusões. Partes que organizam esse artigo.

MÉTODOS

A presente pesquisa tem como base a análise do verbo *achar* no *corpus* *Discurso & Gramática: a língua falada e escrita na Cidade de Natal* que compõe-se de textos orais e escritos produzidos, em situação de entrevista, por informantes de diversas faixas etárias e níveis de escolaridade, na década de 1990, período da coleta. Foram entrevistados vinte informantes, sendo quatro deles da Alfabetização, quatro da quarta e quatro da oitava séries do Ensino Fundamental, quatro da terceira série do Ensino Médio e quatro do último período do Ensino Superior, em nível de graduação.

No total foram encontrados no *corpus* do D&G do Natal 164 trechos/amostras textuais com o uso do verbo *achar*, sendo 159 dos informantes do Ensino Superior e 05 da alfabetização. Para a análise e a apresentação dos dados, apresentamos trechos/amostras em que ocorreram uma maior frequência de uso (flexão), nos tópicos a seguir. Em suma, trata-se de um recorte da tese de doutorado que analisa o uso do verbo *achar* em trechos/amostras/exemplos no português brasileiro.

RESULTADOS

Se consideramos sua trajetória temporal, o verbo *achar* desempenhou, inicialmente, a função do verbo “encontrar” e “descobrir”. Para Martelotta (2009, p. 64) “essa extensão de sentido é um indício da abstratização de *adflare* já no latim”. Isto é, uma concepção advinda dos resquícios dos gramáticos tradicionais. Com o processo de mudança e evolução linguística, o verbo *achar*, enquanto item lexical, passou a ganhar funções gramaticalizadas, isto é, novos *status* e sentidos gramaticais. Nos estudos de Galvão (1999, p.56), são apresentados os diferentes sentidos para o uso do verbo *achar* no português brasileiro:

Figura 01: Sentidos do verbo *achar* no português brasileiro

Propriedades	ACHAR1	ACHAR2 <i>apreciação</i>	ACHAR2*	ACHAR3 <i>palpite</i>	ACHAR4
<i>Paráfrase</i>	encontrar/ procurar/ descobrir	considerar/ pensar/ afirmar	Considerar	Supor/ é pos- sível	Talvez/ prova- velmente
<i>Variabilidade Temporal</i>	presente/ pef./impf.	presente / perfeito	presente/ perfeito	presente/ perfeito	Presente
<i>Variabilidade de modo</i>	indic./imp./su-bj	indicativo / subjuntivo	Indicativo / subjuntivo	indicativo	indicativo
<i>Pessoas do verbo</i>	1ª / 2ª / 3ª S/P	1ª / 2ª / 3ª S/P	1ª / 2ª / 3ª S/P	1ª S	1ª S
<i>Presença e tipo do argumento interno</i>	SN que pode vir ou não realizado foneticamente com o traço [+concreto]	oracional	SN que pode vir ou não realizado foneticamente, é predicado por um qualificador, [+abstrato]	oracional	Perda do argumento interno
<i>Tipo de sentença em que aparece</i>	absoluta/ hipotética/ Núcleo/ encaixada	principal	Absoluta / Núcleo / principal	principal	Depois de uma emissão completa de raciocínio e pausa (fora da oração)
<i>Caracterização</i>	pressupõe o encontro entre duas entidades do mundo real; [-controle], incerteza	Performativo-modalizador, avaliativo, depende de fatores inerentes ao falante	Performativo-modalizador, avaliativo, maior grau de certeza	Modalizador fatores externos ao falante fazem que a incerteza passe para o nível das possibilidades	Incerteza, dúvida, probabilidade

Fonte: Galvão (1999, p.56)

Os tipos e sentidos atribuídos ao verbo *achar* nos estudos de Galvão revelam o caráter dinâmico do item lexical, ou seja, da linguagem em uso, uma vez que o empregamos nas mais diversas situações comunicativas. No *achar* 1 com sentido de “encontrar” e “descobrir”, observa-se a presença de dois argumentos: o externo (sujeito agente), na função de tentar, descobrir, procurar e, já o interno, diz respeito ao complemento.

Em relação ao *achar* 2, com o sentido de apreciação, percebe-se a relação com a função do verbo “opinar”. Neste, constatamos o argumento de sujeito e complemento, em que o próprio verbo *achar* se apresenta como a sua própria ação na qual o sentido o caracteriza.

O *achar* 3, que indica palpite, o verbo modalizador se associa ao sentido de “supor”. Neste uso, a função do verbo é proposicional (indicar a ação de um dado sujeito em relação a uma preposição). Geralmente, utiliza-se em oposição ao *achar* 2 que se refere à apreciação, uma vez que o seu uso reflete a não certeza do usuário da língua em relação à sua fala, o que atenua o seu grau de compromisso com a verdade do que se diz. Por último, ainda nos termos de Galvão (1999), o *achar* 4 atua como verbo parentético-epistêmico, cuja função se aproxima a dos advérbios modalizadores. O seu uso, para a autora ocorre fora de uma estrutura sentencial, uma vez que denota a incerteza do falante em relação ao que se afirma na enunciação.

Essa variação de mudança de sentido do item gramatical é relevante para a sua efetivação enquanto termo que se gramaticaliza conforme o uso linguístico. Haja posto que a frequência de uso favorece o aumento de sua função gramatical enquanto valores semânticos discursivos e funcionais.

A respeito dessa frequência de uso, Tavares (2012, p. 36) destaca:

A frequência de uso é um importante fator no estabelecimento e na manutenção da gramática, possibilitando a emergência de novas construções e rotinizando-as. É no momento da interação que o falante organiza os nacos da língua de acordo com a tendência de repetição das experiências passadas, valendo-se de construções lexicais e gramaticais já consolidadas.

Repetição que por resultado torna-se rotina, favorecendo o processo de reconfiguração da gramática, assim como, evolução da linguagem. Evidencia-se, assim, o seu caráter dinâmico e flexível, a gramática que está no uso, em situações reais de comunicação e interação entre os mais diversos participantes do campo semântico. Este, que ocorre no contexto discursivo pragmático e que revelam a sua propriedade funcional (de que há uma intenção, um propósito no evento da fala).

Como dito anteriormente, no *corpus* do D&G do Natal 164 trechos/amostras textuais com o uso do verbo *achar*, sendo 159 dos informantes do Ensino Superior e 05 da alfabetização. Para a análise e a apresentação dos dados, apresentamos trechos/amostras em que ocorreram uma maior frequência de uso (flexão).

Nesses termos, em relação aos informantes do D&G do Natal, as análises correspondem ao uso do verbo *achar* nas formais/flexões verbais:

- Ensino Superior – acho (122 ocorrências); acha (17 ocorrências); e, achava (08 ocorrências);
- Na Alfabetização – acho (01 ocorrência); acha (04 ocorrências).

Assim, registram-se para o artigo, as respectivas amostras:

Trecho 04: D&G de Natal – Ensino Superior

Informante 1: Carlos

Data da coleta oral: 03/8/93, 05/8/93; escrita – 09/8/93, 14/8/93, 19/8/93.

Parte oral: Descrição de local: é...eu vou descrever a... a UNIPEC né...onde eu passo ... eu passo o dia todo em casa e eu ... o melhor lugar que eu *acho* pra... o melhor lugar que eu passo durante o dia ... quando eu saio é na ...lá na ...na faculdade mesmo... onde eu tenho meus amigos lá e tudo.

O trecho/amostra acima corresponde ao informante do Ensino Superior Carlos, sexo masculino, com a idade de 26 anos. A narrativa relaciona-se à proposta de o informante descrever, de forma minuciosa, um lugar que gosta. A proposta do entrevistador é que o informante consiga detalhar o local ao ponto do mesmo ser projetado na cabeça para em seguida, o entrevistador com base na resposta dada ir verificar se a descrição foi correta.

O informante, logo no início da descrição faz uso do verbo *achar* no sentido de consideração, o que o classifica na perspectiva de Galvão (1999), no *achar* 2. A flexão *acho*, à luz da gramática tradicional, sua conjugação está na primeira pessoa do modo indicativo e sua transitividade encontra-se no âmbito da predicação verbal, ou seja, o tipo de ligação que este transita em relação a seu complemento, uma vez que sem este, o enunciado apresenta um significado incompleto. Os complementos atuam de forma direta (indicando o quê ou quem) e indireta (indicando de quê, para quê, de quem, para quem, em quem).

Na visão funcionalista, considera-se todo o contexto. No texto, temos o uso do verbo no sentido de apreciação, de lugar que em que o informante se identifica por poder estar com seus amigos, de modo a indicar a presença de mais de um participante no âmbito da interação e comunicação, a instituição de ensino ao qual ele pertence que possibilita a apreciação a partir da afirmativa. Nesse caso, o uso do verbo *achar* se dá como marcador de afirmação.

De acordo com a visão funcionalista, para analisar conforme os dez parâmetros de Hopper e Thompson (1980), no trecho/amostra textual, considera-se os fragmentos:

1. o melhor lugar que eu *acho* pra...
2. o melhor lugar que eu passo durante o dia ...
3. quando eu saio é na ...lá na ...na faculdade mesmo...
4. onde eu tenho meus amigos lá e tudo.

Aplicabilidade dos parâmetros:

Tabela 01 – Informante 01: Carlos – D&G de Natal – Ensino Superior

Fragmento	Part.	Cin.	Asp.V	Punct.V	Volição	Polar.Or	Mod.Or.	Ag.Suj.	Af.Obj.	Ind.Obj.	T
1	+	+	+	-	+	-	-	-	+	-	5
2	+	+	+	+	-	-	-	-	+	-	5
3	+	+	+	+	+	+	+	-	+	-	8
4	+	+	-	-	-	+	+	-	+	-	5

Fonte: Elaborado para esta pesquisa

Quando considera-se o contexto, conforme a visão funcional, outros verbos aparecem no entorno comunicativo para completar o sentido semântico, assim como evidenciar os aspectos pragmáticos que direciona a compreensão do propósito e evento da comunicação. Observa-se na tabela, um maior índice de aplicação da transitividade conforme os parâmetros de Hopper e Thompson (1980), no fragmento 3, isto porque, a

função do uso do verbo *achar*, na conjugação *acho* e no sentido de apreciação se complementa na carga semântica que cabe aos fragmentos na construção do sentido do texto.

A linguagem como instrumento de interação social, uma motivação para o estudo de seu uso nos mais diversos contextos discursivos. Sob o viés de que a linguagem como estatuto gramatical está em constante evolução e suas estratégias de construção discursiva baseia-se na fala e escrita. Uma construção que se estabelece em tempo real, no qual a gramática não é vista como produto acabado e, sim aberta a transformações.

DISCUSSÃO

Na Linguística Centrada no Uso, a transitividade é “uma propriedade contínua, escalar (ou gradiente), da oração como um todo. É na oração que se podem observar as relações entre o verbo e seu(s) argumento(s) – a gramática oração” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p. 37).

Hopper e Thompson (1980) consideram uma alta correlação entre o discurso e o grau de transitividade de uma sentença, uma vez que durante o processo de organização do pensamento humano, o falante estrutura o seu discurso a fins de alcançar seus objetivos comunicativos, conforme as necessidades de seu interlocutor.

Através dessa transitividade oracional (entende como a categoria gramatical relacionada à metafunção ideacional, que se refere à representação das ideias ou experiências humanas), o falante organiza o seu discurso, apresentando uma distinção entre o que é central e o que é periférico em seu texto.

Portanto, o grau de transitividade de uma determinada oração torna-se o reflexo de sua função discursiva, e a partir desse grau, em alta ou menor densidade, é possível distinguir a informação como toda no processo de interação. Para o funcionalismo norte-americano, a transitividade trata-se de um fenômeno complexo, constituído por parâmetros sintáticos-semânticos independentes, isto é, um metafenômeno responsável pelo processo de codificação sintático estrutural que ultrapassa dados puramente gramaticais.

Visualizada no contexto a qual encontra-se inserida, a transitividade direciona ao discurso e torna a língua maleável, sujeita a pressões de uso. Isso, por priorizar as intenções no evento da fala, conforme os fatores pragmáticos envolvidos na comunicação.

Nesses termos, para Hopper e Thompson (1980), a transitividade atua como propriedade central do uso da língua e, seu processo de classificação transitiva relaciona não somente o verbo e, sim, a oração como toda.

Hopper e Thompson (1980) assim propõem os parâmetros:

Quadro 01: Parâmetros de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980).

Características	Transitividade Alta	Transitividade Baixa
Participantes	dois ou mais participantes A e O	um participante
Cinese	Ação	não-ação
Aspecto do verbo	Perfectivo	não-perfectivo
Punctualidade do verbo	Punctual	não-punctual
Intencionalidade do sujeito	Intencional	não-intencional
Polaridade da oração	Afirmativa	Negativa
Modalidade da oração	modo realis	modo irrealis
Agentividade do sujeito	Agentivo	não-agentivo
Afetamento do objeto	Afetado	não-afetado
Individuação do sujeito	Individuado	não-individuado

Fonte: Hopper e Thompson (1980).

Sobre os parâmetros, Swander (2004, p. 06) em seu estudo *Uma nova perspectiva para o ensino da transitividade*, destaca:

- 1 - Número de participantes: diz respeito à possibilidade de transferência de ação; havendo pelo menos 2 participantes, a transferência é possível, o que não ocorre quando há apenas um participante. Exemplos: Eu comi a maçã X Eu comi muito.
- 2 - Cinese: diz respeito ao verbo expressar ou não uma ação. Exemplos: Eu empurrei o carro X Eu vi o carro.
- 3 - Aspecto: diz respeito à completude da ação transferida, podendo ser perfectiva (acabada) ou imperfectiva (não-acabada; em processo). Exemplos: Eu bebi todo o leite X Eu estou bebendo o leite.
- 4 - Punctualidade: diz respeito à duração de uma ação. Quanto menor for a distância entre a ação e o efeito dela, maior será o grau de pontualidade. Exemplo: Eu quebrei o copo. Quanto maior for a distância entre a ação e o efeito dela, menor será o grau de pontualidade. Exemplo: Eu carreguei a mala.
- 5 - Volição: diz respeito à intencionalidade. Exemplo: Eu a procurei em todos lugares X Eu não percebi sua ausência.
- 6 - Polaridade: diz respeito à oposição que há entre sentenças afirmativas e sentenças negativas. Exemplo: Eu como alface X Eu não como alface.
- 7- Modo: diz respeito aos planos real e irreal: um evento descrito no plano irreal é menos efetivo do que um evento que se desenrola no plano real. Exemplo: Eu comprarei o carro amanhã mesmo X Ah, se eu pudesse comprar aquele carro!
- 8 - Agentividade: diz respeito ao potencial de agentividade de um participante (sujeito) na transferência de uma ação para outro participante (objeto). Assim, um participante com alto potencial de agentividade pode transferir uma ação de tal maneira que um participante com menor potencial de agentividade não pode. Exemplo: O guarda me ensinou o caminho X As estrelas me ensinaram o caminho.
- 9 - Afetamento do objeto: diz respeito ao grau de afetamento do paciente e está relacionado à individuação do objeto. Exemplo: Eu bebi toda a água do copo X Eu bebi um pouco de água.
- 10 - Individuação: uma ação pode ser transferida mais efetivamente para um paciente individuado do que para um não-individuado, estando, portanto, relacionado ao traço afetamento do objeto. Exemplo: Eu bebi a água do copo X Eu bebi água.

Cada parâmetro envolve uma faceta diferenciada a qual relaciona-se o grau de intensidade ou efetividade de como a ação é transferida de um participante a outro no momento da comunicação/interação discursiva. Nos textos narrativos, a transitividade é predominantemente alta. Para Albani (2007, p. 26):

O grau de transitividade de uma cláusula reflete, em parte, a maneira como o falante ou escritor estrutura o discurso para atingir o propósito comunicativo e, além disso, a percepção das necessidades do interlocutor. Assim, para que haja uma comunicação satisfatória, cabe ao emissor orientar o receptor na maneira como organiza o discurso.

A forma como organiza o discurso, dependendo do que se pretende focalizar no dado acontecimento e/ou situação, o falante pode selecionar o aspecto a ser centralizado, podendo assim, na narrativa detalhar a cena, tornando-a mais específica. Tais ações refletem na organização da informação e, por conseguinte, na codificação/ponto de vista linguístico.

Os linguistas, ao abordarem os estudos sobre a transitividade verbal na perspectiva funcional consideram:

Que no âmago do funcionalismo está a defesa da posição de que a estrutura reflete e é motivada pela função: formas desempenham papéis no discurso, fato que, para os funcionalistas, está subjacente à organização gramatical da língua (...) estudos que se filiam ao funcionalismo buscam identificar as múltiplas possibilidades de manifestação da transitividade em contextos variados de uso da língua, averiguando as motivações funcionais (semântico-pragmáticas, sociais, cognitivas)) subjacentes a cada situação. (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p. 07).

Nessa perspectiva, a transitividade é compreendida como “uma propriedade contínua, escalar (ou gradiente), da oração como um todo. É na oração que se podem observar as relações entre o verbo e seu(s) argumento(s) – a gramática da oração” (FURTADO DA CUNHA; SOUZA, 2007, p.29).

Assim, lidamos com uma gramática que considera os elementos comunicativos presentes no contexto, isto é, os fatores semânticos e pragmáticos desempenhados na estrutura oracional em que ela (a língua) se codifica. Tornando-se, desse modo, para além de análise de dados gramaticais, aos quais passam a priorizar também os elementos do discurso que se constitui por suas intenções e focos enunciativos, oriundos de fatores pragmáticos.

Com essa visão, a transitividade não é um atributo restrito ao verbo porque o processo de codificação ocorre por intenções discursivas. Atua como uma propriedade escalar, uma vez que o processo de construção oracional apresenta graus diferenciados de transitividade.

E sua análise em textos narrativos, segundo Oliveira (2009, p. 145):

É ter alguns preceitos em mente. É importante considerar que: (a) cada componente da transitividade envolve uma faceta diferente do modo como a ação transita, ou transfere-se, de um argumento para outro; (b) as sentenças com alto grau de transitividade caracterizam-se por apresentar um maior número dos traços descritos (tem dois ou mais participantes; contém um verbo de ação; o verbo é télico (indica ação concluída); a ação é pontual, intencional (voluntária) e ocorre num mundo real e apresentada na forma afirmativa; seu sujeito é agente (humano ou animado) e seu objeto é sintagma nominal singular e definido); (c) nem todas as sentenças reúnem todos esses traços, ou, pelo menos, a maioria deles - daí advém a noção de níveis de transitividade e a descrição das sentenças como sendo de alta ou baixa transitividade.

Para a análise conforme o modelo de Hopper e Thompson (1980), considera-se as funções comunicativas presentes e isola-se as sentenças para a descrição e atuação da transitividade. Isso porque, o número de participantes e a forma como os verbos são utilizados diferencia-se de uma oração para outra. Essa diferenciação ocorre conforme o plano discursivo, assim como, na interação autor/leitor. De modo que a análise só é possível quando observa-se a sua função discursivo-comunicativa: de como o falante de uma determinada língua organiza seu discurso para atingir seus propósitos comunicativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, procuramos traçar, à luz dos aspectos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso e da transitividade verbal, um panorama sobre o verbo *achar* no português brasileiro, analisando o seu aspecto gramatical no contínuo da oração/enunciação formulado no momento da comunicação, seja esta falada ou escrita.

Com isso, enfatizamos a relevância da pesquisa, em virtude da escassez de literatura acerca dessa abordagem e comprovamos a indigência de estudos voltados para um ensino de gramática que incorpore as situações pragmáticas, semânticas cognitivas e discursivas.

Logo, os dados nos direcionam à consideração da fluidez e instabilidade usual como propriedade essencial para a organização e funcionamento discursivo nos sistemas linguísticos, isto é, a sua flexibilização associada às pressões de uso que está sujeita ao caráter dinâmico da língua portuguesa.

Considerando o uso que os informantes (falantes) fazem do verbo *achar* no *corpus* do D&G do Natal analisado, constata-se que está sendo utilizado com funções que vão além de seu valor lexical, uma vez, que nas amostras textuais retiradas para análise é perceptível a apreciação feita pelos falantes com base em seu saber, como também em situações que são expressas dúvidas.

Na aplicabilidade dos parâmetros, nota-se características mais prototípicas a transitividade alta, tornando a sentença como um todo transitiva e, não apenas o verbo. Em que a presença de um ou mais participantes é perceptível, assim como: a presença de verbos de ação que complementam o sentido do evento de fala e seu posicionamento seguro acerca das temáticas abordadas pelos entrevistadores. Constata-se uma afirmativa sobre o evento enquanto algo real, humanizado, concreto em relação a posicionamentos concretos em seu dia a dia.

O objetivo era apreender as expansões funcionais da linguagem de forma a compreender, moldurar e caracterizar sua atividade social, na qual evidencia-se um sistema linguístico heterogêneo, maleável e vivo. A língua a serviço do falante e, por isso, sujeita a pressões de uso que, conseqüentemente, propicia inovações/ transformações de termos gramaticais e seu caráter semântico discursivo. Mediante a análise dos trechos/amostras, foi possível destacar os deslizamentos funcionais decorrentes dos usos que os falantes fazem no momento de sua comunicação, o que é necessário para o entendimento de seu aspecto modalizador.

Diante disso, concluímos que o uso do verbo *achar*, sob uma perspectiva funcional resulta num processo de análise e de mudanças constantes, cujo fator associa-se aos sentidos produzidos no momento da comunicação, assim como no pareamento dos polos forma-função, incidindo em novas significações gramaticais que deve ser considerada na estrutura como um todo, na relação do texto, gramática e discurso.

REFERÊNCIAS

ALBANI, F. V. L. **Ordenação do advérbio sempre no português arcaico e no contemporâneo**. Dissertação de Mestrado em Linguística na UFRJ. Rio de Janeiro, 2007.

BECHARA, E. **Estudos sobre os meios de expressão do pensamento concessivo em português**. Tese de Cátedra. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II, 1954.

DU BOIS, J. W. **Competing Motivations**. In: HAIMAN, J. (org). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1985.

FURTADO DA CUNHA, M. A. **Corpus Discurso & Gramática: A Língua Falada E Escrita Na Cidade Do Natal**. Natal: EDUFRN, 1998.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. R.; MARTELOTTA, M. E. (Orgs.) **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; SOUZA, M. M. **Transitividade e seus contextos de uso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GALVÃO, V. C. C. **O Achar no português do Brasil: um caso de gramaticalização**. 1999. Dissertação de Mestrado. Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 1999.

HALLIDAY, M. A. K. **Explorations in the Functions of language**. Londres: Edward Arnold, 1973.

HEINE, B.; & REH, M. **Grammaticalization e reanalysis in African languages**. Hamburg: Helmut Buske, 1984.

HOPPER, P. & TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

MARTELOTTA, M. E.; PALOMANES, R. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. *et. al.* **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

177

NEVES, M. H. M. **A coordenação interfrasal em português**. Tese. Unesp, Araraquara, 1984.

NEVES, M. H. M. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, A. M. **A transitividade: da visão tradicional ao funcionalismo**. Universidade Federal do Espírito Santo: Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2009.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em linguística. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 3. Ed. São Paulo: Cortez: 2007. v. 3.

ROST, C. A. Expansão semântico-pragmática e mudança categorial de verbos de percepção: amostra sincrônica. In: **Working Papers em Linguística**, UFSC, n.6, 2002.

SWANDER, A. Uma nova perspectiva para o ensino da transitividade. *In: I Congresso Internacional de Estudos Filológicos e Linguísticos*. Cadernos do CNLF, série VIII, nº 01. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.

TAVARES, M. A. O verbo no texto jornalístico: notícias e reportagens. *In: Linguística. Universidade Federal de Santa Catarina: Curso de Pós-Graduação em Letras/ Linguística*. n. 1. Florianópolis: CPGLL, 1997.

WILSON, V., MARTELOTTA, M. E., CEZARIO, M. M. **Linguística**: fundamentos. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2006.